

*Só distinguimos os amigos dos inimigos
quando o gelo cede sob os nossos pés.*

Provérbio inuíte

Peter

Estou de pé sobre a neve junto à campa da minha mãe quando recebo a chamada. A lápide é muito simples, pela altura dos joelhos, feita de um granito tosco. Há algum tempo que andamos a conversar — eu e a minha mãe — sobre como é complicado ser polícia nesta cidade, onde ninguém quer saber de nada senão de si mesmo. Ou, talvez mais importante, como é difícil viver neste tipo de cidade, nestes tempos em que vivemos.

Bato com as sapatilhas para sacudir a neve molhada e viro as costas ao túmulo. Não me parece correto falar ao telefone junto à sepultura dela. As colinas ondulantes do Cemitério do Bosque espraiam-se à minha frente. Há uma neblina a pairar sobre os pinheiros altos e os troncos escurecidos parecem projetar-se da neve como pontos de exclamação, enfatizando a transitoriedade da vida. A água pinga das árvores e das pedras tumulares, escorrendo para todo o lado à medida que derrete. Encontra o caminho até ao tecido fino das minhas sapatilhas, infiltrando-se-me nos dedos como um lembrete de que já devia ter comprado umas botas, coisa que ando sempre a adiar como se fosse um luxo escusado. Algures ao longe, avisto vultos escuros a afastarem-se na floresta. Talvez tenham vindo acender velas ou deixar coroas de ramos de pinheiro.

O Natal está à porta.

Dou alguns passos até ao caminho recém-limpo da neve e olho de relance para o ecrã do telemóvel, mesmo já sabendo quem está a ligar. A sensação é inconfundível. Um sentimento de derrota e de aflição que conheço demasiado bem.

Antes de atender, viro-me uma última vez para o túmulo dela. Faço um aceno atrapalhado e murmuro uma desculpa qualquer, prometendo voltar em breve. É claro que é inútil: ela sabe que volto sempre.

A faixa preta e lúzida do asfalto estende-se à minha frente enquanto conduzo até à cidade. Os farolins dos travões dos outros carros brilham ao fundo, iluminando o caminho. Bancos espessos de neve castanho-suja e edifícios atarracados e depri- mentes bordejam a estrada para Estocolmo. Uma estrela de Natal iluminada anima de quando em vez uma janela, como uma lanterna no meio da noite. Começou a nevar outra vez. Instala-se no para-brisas uma mistela pastosa que esborrata os contornos de tudo, aplainando a paisagem. Só se ouve o som rítmico das escovas contra o vidro conjugado com o ronronar do motor.

Um homicídio.

Mais um homicídio.

Há muitos anos, era eu ainda um inspetor novato, ser chamado para o local de um crime, de um assassinio, provocava-me sempre uma espécie de entusiasmo. A morte era sinónimo de um mistério que precisava de ser resolvido, como uma meada de lã à espera de ser desembaraçada. Nessa altura, pensava que tudo podia ser destrinchado e explicado, desde que tivéssemos energia e perseverança, e soubéssemos qual o fio que devíamos puxar e por que ordem. A realidade não era mais do que uma trama complexa de fios.

Em resumo, podia ser dominada, deslindada.

Agora já não sei. Talvez tenha perdido simplesmente o interesse pela trama, perdido a intuição quanto aos fios que devo puxar. Ao longo do tempo, a morte passou a assumir um novo significado. Houve a minha mãe, que repousa na terra húmida do Cemitério do Bosque. A minha irmã Annika, sepultada no mesmo cemitério, não muito longe. E o meu pai, que está determinado a beber até à morte na Costa del Sol, há de se lhes juntar em breve. Os crimes em que vou tropeçando já não me parecem assim tão importantes. É claro que ainda consigo ajudar a descobrir o que aconteceu. Pôr por palavras aquilo que é inconcebível — tiraram a vida a alguém — e descrever os acontecimentos que conduziram a esse desfecho. Talvez até descobrir o culpado e ajudar a condená-lo. Mas os mortos continuam mortos, não é? Por estes dias, tenho alguma dificuldade em ver algum significado naquilo que faço.

O crepúsculo já cai quando chego a Roslagstull, no entanto ocorre-me que hoje não chegou verdadeiramente a haver luz. O dia passou despercebido na mesma névoa cinzenta de ontem e do dia anterior. Há mais trânsito quando entro na E18 em direção a norte. Passo por alguns trabalhos de manutenção e os buracos sacodem o carro, fazendo a arvorezinha pendurada no retrovisor abanar violentamente.

O Manfred volta a ligar quando estou a passar junto à universidade. Diz-me que está uma tremenda confusão, que há um figurão qualquer envolvido, e que era porreiro se eu não demorasse tanto e chegasse de uma vez por todas. Semicerro os olhos para o crepúsculo cor de cimento, digo-lhe para aguentar os cavalos, que a estrada tem mais buracos do que um queijo suíço, e que ainda aleijo os tomates se conduzir mais depressa.

O Manfred solta a gargalhada arrelviada do costume, lembrando um porco a roncar. Se calhar estou a ser injusto: o Manfred é gordo, talvez isso tolde a minha visão do riso dele. Lembra-me um arfar sôfrego. Talvez a gargalhada dele seja parecida com a minha.

Talvez sejamos todos parecidos.

Trabalhamos juntos há mais de dez anos, o Manfred e eu. Ano após ano, estivemos lado a lado junto a mesas de autópsia, a interrogar testemunhas e a reunir com familiares destroçados. Ano após ano, dedicámo-nos a perseguir os maus da fita e a fazer o melhor que podíamos para tornar o mundo mais seguro. Mas será que o fizemos? Todas aquelas pessoas nas câmaras frigoríficas do Instituto de Medicina Legal de Solna continuam mortas, e nada poderá mudar isso. Jamais. Não somos mais que uma equipa de limpeza, a atar as pontas soltas depois de o tecido se ter rasgado e de o impensável já não ter remédio possível.

A Janet diz que estou deprimido, mas eu não confio na Janet. Além disso, não acredito na depressão. Porque é mesmo assim: não acredito. No meu caso, acho que percebi qual é o verdadeiro sentido da nossa existência e estou a contemplar sobriamente a vida pela primeira vez. A Janet diz que essa é uma resposta clássica, que as pessoas deprimidas são incapazes de ver para lá da sua própria angústia existencial. Eu respondo-lhe que a depressão é só uma das invenções mais lucrativas da indústria farmacêutica, e que não tenho vagar nem vontade para ajudar empresas farmacêuticas a tornarem-se ainda mais obscenamente ricas. Se depois disso a Janet ainda quiser continuar a falar sobre como eu me sinto, acabo por desligar o telefone. Afinal, separámo-nos há mais de 15 anos; é inútil discutir esse tipo de coisas com ela. Lá porque ela é mãe do meu único filho, isso não muda nada.

O Albin, a propósito, é o filho que nunca devíamos ter tido. Não porque haja algo de errado com ele — é o típico rapaz adolescente, com borbulhas, excesso de hormonas e uma dedicação patológica aos jogos de computador —, mas porque eu não estava simplesmente preparado para ser pai. Nos meus pensamentos mais sombrios (que se estão a tornar cada vez mais frequentes com o passar dos anos), acredito que ela fez de

propósito. Deitou fora as pílulas e engravidou como vingança pelo que se passou no casamento. Se calhar foi mesmo assim. Nunca saberei, e agora também não interessa muito. O Albin é um rapaz de carne e osso e vive confortavelmente com a mãe. Vemo-nos de vez em quando, não muito: no Natal, no solstício de verão e no aniversário dele. Acho que é melhor para o meu filho se não tivermos grande contacto. Caso contrário, também ele ficaria desiludido comigo.

Às vezes penso que devia andar com uma fotografia dele na carteira, como os outros pais a sério. Uma fotografia de escola desajeitada, aquelas em que os miúdos estão enquadrados em papel de cenário sépia, tirada no ginásio por um fotógrafo cujos sonhos não o conseguiram levar mais longe do que à Escola Secundária de Farsta. Mas depois percebo que não ia conseguir enganar ninguém com isso, muito menos a mim próprio. A paternidade é algo que tem de ser conquistado, parece-me. Um direito que nos advém de todas aquelas noites sem dormir, a mudar fraldas e todas as outras coisas que é preciso fazer. Tem muito pouco que ver com a genética, com o esperma que inadvertidamente doe há 15 anos para que a Janet pudesse cumprir o seu sonho de ser mãe.

Distingo a casa ao longe. Não porque a casa branca em forma de caixote se destaque de alguma maneira neste subúrbio abastado, mas porque está rodeada por carros-patrolha. As luzes azuis contrastam com a alvura da neve, e a inconfundível carrinha branca dos técnicos forenses encontra-se estacionada não muito longe. Deixo o carro no sopé da colina e subo a pé o resto do caminho até à casa. Cumprimento os agentes fardados, mostro o meu distintivo e passo por baixo da fita azul e branca que estremece ao de leve com a brisa.

O Manfred Olsson está junto à porta da rua. O seu corpo avantajado bloqueia quase por completo a entrada enquanto levanta

a mão num aceno. Tem um casaco de *tweed* com um lenço cor-de-rosa a espreitar-lhe do bolso do peito. As calças de lã largas estão enfiadas numas capas de plástico azul para os sapatos.

— Raios te partam, Lindgren. Estava a ver que nunca mais aparecias.

Fito-o sem desviar o olhar. Os pequenos olhos castanhos irrequietenos destacam-se-lhe no rosto rosado. O cabelo ruivo, ralo, está impecavelmente penteado num estilo que lembra o de um ator num filme dos anos 50. Parece mais um antiquário, um historiador ou um escanção do que um agente da polícia. Na verdade, parece tudo menos um inspetor de homicídios, e calculo que ele tenha noção disso. Desconfio, aliás, que se trata de um ardil: que ele faça gala de exagerar a excentricidade como forma de provocação aos colegas de inteligência mais limitada.

— Como eu já disse há bocado...

— Sim, sim. A culpa é sempre do trânsito — dispara o Manfred. — Eu bem sei como é quando nos aparece bom porno nas mãos. É difícil largar a coisa assim de repente.

A linguagem desbragada do Manfred contrasta claramente com o seu estilo elaborado e conservador na indumentária. Estende-me um par de luvas e umas capas descartáveis para os sapatos e baixa a voz:

— Ouve... A cena que temos aqui é completamente fodida dos cornos. Vai lá, vê por ti mesmo.

Protejo os sapatos e calço as luvas de látex; começo a percorrer as proteções de plástico transparente que os técnicos forenses espalharam aparentemente à toa no vestíbulo. O cheiro a sangue é tão intenso e nauseabundo que por pouco não recuo, embora já o conheça muitíssimo bem. A palpitação nas minhas entranhas é cada vez mais forte. Apesar de todas as cenas de crime em que já estive, de todos os corpos que já vi, há algo na proximidade da morte crua e fria que ainda me faz eriçar os pelos na nuca. Talvez seja a percepção renovada de quão repentino pode ser tudo. A rapidez com que uma vida se pode extinguir. Mas, por vezes, também

é precisamente o contrário: a forma como a cena de um crime, ou um corpo, denuncia de imediato o prolongar insuportável da agonia.

Cumprimento os técnicos forenses nos seus fatos-macaco brancos e olho em redor do vestíbulo. É marcadamente impessoal, a roçar o austero. Ou será apenas demasiado masculino? É quase a mesma coisa, no que toca ao design de interiores. Paredes brancas, piso cinzento. Nem sinal dos objetos pessoais que se costumam ver num *hall*: casacos, malas ou sapatos. Ponho o pé noutro quadrado de plástico e espreito para a cozinha. Armários lacados a preto com verniz de alto brilho. Uma mesa elíptica com cadeiras à volta que reconheço de uma revista de decoração qualquer. Facas em exposição na parede. Reparo que não falta nenhuma, à primeira vista.

O Manfred agarra-me no braço.

— Anda. Por aqui.

Continuo pelo corredor ao longo dos quadrados de plástico. Passo por um técnico forense equipado com uma máquina fotográfica e um bloco de notas. Há uma grande mancha de sangue por baixo do plástico. Não, uma mancha, não: um lago. Um mar vermelho e viscoso de sangue fresco que parece cobrir toda esta parte do corredor, de uma parede à outra e descendo pelas escadas até à cave. Do meio do mar vermelho brotam dúzias e dúzias de pegadas de diferentes tamanhos que levam à porta da rua.

— Há sangue que nunca mais acaba — balbucia o Manfred, e avança em frente com uma agilidade surpreendente, embora os quadrados de plástico pareçam querer ceder sob o seu peso. Puseram uma pequena placa numerada junto a um montículo de roupa ensanguentada. Vejo uma perna e uma bota preta com o salto alto, e depois a parte de baixo do corpo de uma mulher deitada de costas. Demoro alguns segundos a perceber que foi decapitada e que aquilo que tomei por uma trouxa de roupa é, na verdade, a cabeça descartada. Melhor: parece brotar do chão.

Como um cogumelo.

O Manfred resmunga e põe-se de cócoras. Eu debruço-me para a frente, observando a cena macabra. Deixar-me imergir é o mais importante. A reação natural é recuar, desviar os olhos do horror, porém como inspetor de homicídios tive de aprender há muito a suprimir esse reflexo.

O rosto da mulher e o cabelo castanho estão empapados de sangue. Se tivesse de adivinhar, o que é um pouco difícil dado o estado do corpo, diria que tem uns 25 anos. O corpo também está encharcado em sangue, e distingo aquilo que parecem ser golpes profundos nos antebraços. Tem uma saia preta vestida, collants pretos e uma camisola cinzenta. Por baixo dela, ensopado em sangue, vejo um casaco de inverno.

— Cum caraças.

O Manfred acena com a cabeça e cofia a barba por fazer.

— Pois. Decapitaram-na.

Assinto. Não há grande coisa que se possa acrescentar. É óbvio que foi isso que aconteceu. É preciso uma força imensa, ou pelo menos um esforço empenhado, para separar uma cabeça do corpo. Já revela alguma coisa acerca do assassino. Não sei ao certo o quê, mas posso garantir que não foi nenhum aleijadinho que fez isto. O assassino era razoavelmente forte. Ou isso, ou estava altamente motivado.

— Já sabemos quem é?

O Manfred diz que não com a cabeça.

— Não. Mas sabemos quem é que vive aqui.

— E quem é?

— O Jesper Orre.

O nome é-me familiar, como o de um atleta reformado ou de um antigo político. Lembra-me alguma coisa, mas não sei bem onde é que já o terei ouvido.

— Jesper Orre?

— Sim, Jesper Orre. O diretor-executivo da Clothes&More.

Ah, então é isso. O controverso presidente da cadeia de lojas de roupa de mais rápido crescimento na Escandinávia. O homem

que os *media* adoram odiar. Quer pelas práticas de gestão, quer pelas muitas aventuras amorosas, quer pelas declarações politicamente incorretas à imprensa.

O Manfred suspira profundamente e levanta-se. Eu sigo-lhe a deixa.

— A arma do crime? — pergunto.

Ele aponta em silêncio para o fundo do corredor. Mesmo no final, junto a uma escadaria que parece levar à cave, há uma grande faca no chão, talvez uma catana. Não consigo ver claramente. Ao seu lado, uma pequena placa com o número 5.

— E o Jesper Orre, já o conseguimos encontrar?

— Não. Parece que ninguém sabe onde está.

— O que é que sabemos ao certo?

— O corpo foi descoberto por uma vizinha que ia a passar e reparou que a porta estava aberta. Falámos com ela. Teve de ir para o hospital, entretanto: parece que ficou com uma taquicardia por causa do choque. Infelizmente, atrapalhou-se e andou por aqui às voltas no corredor, portanto não sei se os técnicos vão conseguir sacar alguma pegada que nos seja útil. Também há sangue na neve, lá fora, mas calculo que o assassino tenha tentado limpá-lo depois do homicídio.

Olho em redor. Ao pé da porta da frente, o chão é uma salgadeira de rastos vermelhos. Nas paredes veem-se salpicos de sangue, dedadas e palmas da mão ensanguentadas. A cena assemelha-se a um quadro de Jackson Pollock: é como se alguém tivesse despejado um balde de tinta vermelha no chão, rebolado por cima dela e salpicado tudo o que podia à sua volta.

— Parece que houve uma luta bem feia antes do assassinio — continua o Manfred. — A vítima tem feridas defensivas nos antebraços e nas mãos. Segundo a análise preliminar da médica-legista, terá morrido entre as 15 e as 18 horas de ontem. Trata-se de uma mulher de cerca de 25 anos e a causa da morte foram provavelmente os vários cortes na garganta quando a cabeça foi... Bem, és capaz de perceber essa parte sozinho.

Cala-se.

— E a cabeça? — pergunto. — Como é que acabou assim, de pé? Terá sido por acaso?

— A médica-legista e os técnicos forenses dizem que é provável que o assassino a tenha posto naquela posição.

— Que merda doentia...

O Manfred assente com a cabeça e sustém-me o olhar com os seus pequenos olhos castanhos. Baixa a voz, como se não quisesse que mais ninguém o ouvisse, por alguma razão. As únicas outras pessoas ao nosso redor são os técnicos.

— Ouve, é assustador, mas isto lembra o...

— Mas isso foi há dez anos.

— Ainda assim.

Anuo. Não posso negar as semelhanças com um homicídio que investigámos em Södermalm há dez anos, e que não fomos capazes de solucionar, apesar de ter sido uma das maiores investigações de toda a história criminal sueca.

— Como acabei de dizer, isso foi há dez anos. Não há nenhuma razão para acreditar que...

O Manfred acena com a mão, afastando a sua própria sugestão.

— Pois não. Eu sei. Provavelmente tens razão.

— E esse tal de Orre, o gajo que vive aqui, o que é que sabemos acerca dele?

— Nada de especial, tirando o que se pode ler nos jornais. Mas a Sanchez está a trabalhar no assunto. Ela prometeu dar-nos alguma coisa hoje à noite.

— E o que dizem os jornais?

— Enfim, os mexericos do costume. Chamam-lhe «explorador de trabalho escravo». O sindicato odeia-o e já pôs vários processos em tribunal contra a empresa. Segundo se diz, também é um mulherengo. Montes de namoradas e amantes.

— Não tem mulher? Filhos?

— Não, vive sozinho.

Lanço um olhar pela casa, detendo-me na cozinha enorme.

— É mesmo preciso uma mansão quando vivemos sozinhos?
O Manfred encolhe os ombros.

— Isso de «precisar» é sempre muito relativo. A vizinha, a senhora que teve de ser levada para o hospital, diz que se apercebeu de que, ocasionalmente, vão vivendo aqui várias mulheres; já lhes perdeu a conta.

Voltamos a sair e tiramos as proteções dos sapatos e as luvas. A cerca de dez metros, junto à entrada lateral, parece haver um barracão carbonizado, parcialmente encoberto pela neve.

O Manfred acende um cigarro, dá uma tossidela e vira-se para mim.

— Esqueci-me de falar naquilo. Houve um incêndio na garagem há três semanas. A companhia de seguros está a investigar o incidente.

Olho para os vestígios calcinados das vigas a sobressaírem da neve e lembro-me dos pinheiros no Cemitério do Bosque. As mesmas figuras negras e silenciosas recortadas contra a neve, a evocarem o mesmo sentido inquietante de impermanência e da morte.

Durante a viagem de carro até à cidade, vem-me novamente à memória a Janet. Há algo nos crimes mais odiosos, nos piores horrores, que me faz sempre pensar nela. Suponho que seja devido ao facto de a Janet me deixar perturbado, tal como os crimes. Ou talvez, num nível primitivo e subconsciente, de eu às vezes desejar que ela estivesse morta, como a mulher da casa branca. Como é óbvio, não a quero matar — ela é a mãe do meu filho —, mas o sentimento está lá.

A vida era infinitamente mais simples antes de a ter conhecido.

A Janet trabalhava num café perto da sede da polícia, em Kungsholmen. Dizíamos sempre «olá» um ao outro antes de eu entrar ao serviço. Às vezes, quando não havia muitos clientes, ela sentava-se um bocadinho comigo, oferecia-me um café

e ficávamos à conversa. Tinha o cabelo louro e curto, espetado como o de uma *punk*, e um espaço entre os dentes da frente que, às vezes, eu achava delicioso, e outras, nem por isso. Era algo em que os olhos se concentravam, um ponto fixo, como o desenho de uma mosca num urinol. Além disso, tinha umas mamas magníficas. É claro que eu já tinha tido outras mulheres. Muitas, até, mas nunca nenhuma relação a sério. Limitavam-se a aparecer e a desaparecer sem deixar grande marca. Duvido que também eu tenha deixado alguma marca na vida delas.

A Janet, porém, foi diferente. Era teimosa, inacreditavelmente teimosa. Acho que tínhamos ido jantar fora umas três ou quatro vezes, acabando os dois engalfinhados na cama em igual número, quando ela começou a falar de vivermos juntos. Eu disse que não, evidentemente. Não me apetecia nada viver com ela. A tagarelice constante da Janet já me tinha começado a mexer com os nervos. Dei por mim a desejar cada vez mais frequentemente que ela fechasse a matraca. Às vezes, contudo, quando estava a dormir, nua na minha cama estreita, achava-a indescritivelmente bela. A quietude e o silêncio ficavam-lhe tão melhor do que a conversa de chacha. Quem me dera que ela pudesse ser sempre assim. Mas era um desejo absurdo: não podemos pedir à nossa namorada que esteja simplesmente calada e despida.

Não o tempo inteiro, pelo menos.

Ao início, o entusiasmo arrebatado da Janet incidia sobre pequenas coisas, como as viagens que podíamos fazer juntos. Chegava a casa com um saco cheio de brochuras turísticas e dedicava uma noite inteira a decidir quais os melhores destinos. Maiorca ou Ibiza, as Canárias ou a Gâmbia, Rodes ou Chipre. E lá despejava o seu manancial de palavras: porque o tempo era melhor aqui, porque a comida era mais deliciosa ali, porque acolá se podiam comprar verdadeiras pechinchas.

No fim, claro, sempre acabámos por fazer a tal viagem, e nem sequer foi assim tão mau. Não havia grande coisa que fazer

naquela vilória na costa leste de Maiorca, e a Janet passou a maior parte da semana de biquíni a ler *O Clã do Urso das Cavernas*, o que significou que pelo menos esteve calada. E quase nua.

E depois houve o sexo.

O sexo foi incrível, não posso dizer que não. Todo aquele vinho, a sangria e o calor devem ter ajudado. Ela parecia um animal, desinibida e vulnerável a um só tempo. Às vezes dava por mim a pensar que havia algo de quase masculino no comportamento dela na cama. Aquele desejo impaciente que exigia ser satisfeito imediatamente e de uma forma egoísta. Ela tomava o que queria como seu, e nesse instante era a mim que queria, ao meu corpo. E talvez possa ter acontecido que, no calor do momento, eu tenha pensado seriamente em constituir uma vida com ela. E se calhar até o disse em voz alta, não me lembro.

Há tanta coisa de que não nos lembramos.

Mal voltámos a casa, no entanto, ela começou a dizer que devíamos comprar um apartamento juntos. Eu expliquei-lhe o mais claramente de que fui capaz que não estava preparado para viver com ela, mas parecia que ela não me queria ouvir. Como sempre, tinha-se concentrado num objetivo — um apartamento e uma família —, e achava que eu devia sentir o mesmo que ela, porque já tinha, o quê, 33 anos?

Ela mandou tatuar o meu nome no fundo das costas, «Peter», numa faixa pendurada no bico de duas pombas. Senti-me inquieto, embora não soubesse ao certo porquê. Suponho que fosse porque uma tatuagem dura para sempre, e só de pensar em passar a eternidade ao lado da Janet ficava nervoso.

Tudo isto coincidiu com o início do meu trabalho como inspetor, pelo que naturalmente andava muito ocupado. Levava todo e cada caso que me ia parar às mãos muitíssimo a sério, na altura, acreditando ainda que estava a ajudar a criar um mundo melhor. Até pensava que era possível imaginar como seria esse mundo.

Um mundo melhor?

Agora, 15 anos depois, já sei que nada muda. Percebi que o tempo não é linear, e sim, circular. Pode parecer uma ideia pretensiosa, mas é bastante banal. O tempo é um círculo, como um anel de salsichas. Não é algo que mereça grande meditação: é simplesmente assim. Estão sempre a aparecer novos homicídios e novos polícias com uma ideia romântica da profissão que se atiram de cabeça ao trabalho. E também novos criminosos que, assim que são presos, são substituídos por outros ainda mais recentes.

Nunca nada acaba.

A eternidade é um anel de salsichas. E a Janet queria partilhá-la comigo.

Costumo pensar que era mais firme no início da relação. Ao princípio, ainda me opunha às suas ideias malucas, mas, com o passar do tempo, ela quebrou-me as resistências, ou talvez tenha sido eu a desistir da minha estratégia de defesa. Tornei-me mais evasivo. Respondia que «talvez pudéssemos viver juntos algures no próximo ano», quando ela abordava o assunto. Depois disso, punha defeitos em todos os apartamentos para os quais ela me arrastava: ou ficavam num andar demasiado baixo ou num andar demasiado alto (um perigo, nos incêndios!); ou ficavam demasiado longe da cidade ou demasiado centrais (muito barulho!); ou fosse qual fosse a desculpa que me ocorresse.

Ela tinha sempre um ar destruído quando voltávamos para casa depois dessas visitas. Os olhos fixos no chão sem dizer uma palavra, a franja comprida pendurada como uma cortina em frente à cara. A mala bem apertada contra o peito, como se fosse um escudo. Os lábios comprimidos num trejeito fino e sem vida.

A Janet conhecia os truques todos. Sabia que a sensação de culpa que provocava em mim me havia de tornar mais fraco e influenciável. Às vezes, perguntava-me onde é que ela tinha aprendido aquilo, como é que alguém tão novo podia ser tão hábil nas artes da manipulação.

Talvez tenha sido a minha experiência com a Janet o que me deixou tão fascinado com o Manfred quando começámos

a trabalhar juntos alguns anos depois. Embora, à primeira vista, ele causasse uma impressão quase cómica — em parte, devido à tensão entre a sua aparência e o vernáculo da linguagem —, também possuía uma força interior que comecei a admirar imediatamente. Passados apenas alguns dias, chamou-me de lado e explicou que ia divorciar-se, que era melhor avisar-me já porque isso podia afetar o seu trabalho.

Na altura, o Manfred era casado com a Sara, e tinham três filhos adolescentes. Lembro-me de lhe perguntar o que pensava a mulher a respeito do divórcio e de ele responder: «Não interessa, já decidi.» Houve algo nessa afirmação categórica que me deixou a pensar. Ele tinha tomado a decisão sozinho, e ia tratar do divórcio independentemente do que a Sara achasse.

Pareceu-me inconcebível.

Ao mesmo tempo, deixou-me preocupado. Eu corria o risco de que o Manfred, um homem tão forte e perspicaz, conseguisse perceber imediatamente que tipo de pessoa eu era. Que fosse capaz de perceber a minha fraqueza, a minha insegurança e a minha incapacidade de entrega. Atributos que eu tinha aprendido serem tão malvistos que faria melhor em escondê-los. Defeitos que cheiravam mal se os deixava vir à superfície, como folhas podres a flutuar num rio.

Alguns anos depois, contei a história do casamento ao Manfred. Ao princípio ele fez um ar perplexo, como se não tivesse percebido o que eu acabara de dizer, mas depois desatou a rir-se à gargalhada. Riu até lhe escorrerem lágrimas pelas rechonchudas bochechas rosadas e a sua papada abanar. Até ao ponto de estar prestes a atirar-se para o chão a rebolar de riso.

Uma pessoa pode ter muitas queixas acerca do Manfred, mas é inegável que é capaz de ver o lado cómico das coisas.

Já está escuro quando chego à sede da polícia em Kungsholmen. Parece também ter ficado mais frio, porque, em vez de fiapos de

neve, caem grandes flocos aveludados por toda a Polhemsgatan. Se o quartel-general não fosse tão inacreditavelmente horroroso, até poderia ser uma cena bonita, mas o cenário é completamente dominado pelo gigantesco edifício, uma reminiscência do estilo brutalista pós-industrial que esteve tão em voga nos anos 60. Os janelões de luz que rasgam a fachada de uma ponta à outra mostram os meus colegas a trabalharem no duro lá dentro; a luta contra o crime nunca dá tréguas. Nem sequer numa sexta-feira à noite, pouco antes do Natal. E muito menos depois de uma jovem ser brutalmente assassinada.

Cruzo-me com a Sanchez nas escadas para o segundo piso.

— Estás com um ar cansado — diz ela.

Traz uma blusa de seda creme e umas calças pretas que a fazem parecer a polícia de secretária que é. Tem o cabelo escuro apanhado num rabo de cavalo e consigo ver-lhe a tatuagem do pescoço. Parece ser uma serpente a trepar-lhe das costas para a orelha esquerda, como se quisesse morder-lhe o lóbulo.

— Tu também não estás com muito bom aspeto — respondo.

Ela sorri com uma delicadeza enganadora, e já sei que vou ter de pagar mais tarde pelo meu comentário.

— Reuni algumas informações acerca do Jesper Orre. Entreguei o material ao Manfred.

— Obrigado — respondo-lhe, antes de continuar a subir as escadas.

O Manfred está a beber chá em frente ao computador e faz um gesto a chamar-me quando entro. Em cima da secretária tem fotografias da Afsaneh, a sua jovem mulher, e da Nadja, a filha de quase 1 ano.

— Já comeste? — pergunta ele.

— Não tenho fome, obrigado.

— Calculo que não. Aquela nossa visita é capaz de dar cabo de qualquer apetite.

Penso na cabeça a brotar da poça de sangue. As pessoas fazem coisas estranhíssimas umas às outras, às vezes sem precisarem de qualquer motivo e às vezes por causa de querelas que se prolongam por gerações. Traz-me à memória um programa de televisão que vi há uns meses, que tentava responder à pergunta: «o Homem é um animal pacífico ou sanguinolento?» Achei que a pergunta em si era estranha. Não resta qualquer dúvida de que os humanos são o animal mais perigoso do planeta; dedicamo-nos constantemente a caçar e matar, não só as outras espécies, mas também os nossos. A membrana da civilização é tão fina e cosmética como o verniz garrido que a Janet adora usar.

— Tens alguma coisa acerca do Jesper Orre?

O Manfred assente e passa o dedo indicador grosso pelas folhas que tem à frente.

— Jesper Andreas Orre, 45 anos. Nascido e criado em Bromma.

Faz uma pausa e estica a mão para os óculos de leitura, enquanto eu reflito naquela informação. Tem 45 anos, menos quatro do que eu, e talvez seja culpado de um homicídio brutal. Ou talvez também seja uma vítima; é demasiado cedo para estabelecer um veredito, embora seja estatisticamente provável que ele esteja envolvido no crime. A explicação mais simples é geralmente aquela que se vem a revelar acertada.

O Manfred aclara a garganta antes de continuar.

— É diretor-executivo das lojas de roupa Clothes&More há dois anos. É o que se pode chamar uma pessoa... controversa. Um homem mal-amado, um osso duro de roer. Consta que despediu pessoas por terem ficado em casa com os filhos doentes, esse género de coisas. Pelo menos, segundo o sindicato. Já meteram vários processos cíveis contra a empresa. Declarou 4378 milhões de coroas de rendimento coletável no ano passado. Não tem registo criminal e nunca foi casado. Aparece frequentemente nos *media*, sobretudo nos tabloides, muito por causa da sua vida amorosa. A Sanchez falou com os pais e com a assistente, e ninguém teve notícias dele nas últimas horas.

Mas foi trabalhar como de costume na sexta-feira e parecia completamente «normal».

O Manfred abre aspas com os dedos ao dizer a palavra «normal» e fita-me por cima dos óculos.

— Está envolvido nalguma relação?

— Segundo os pais, não. E a secretária disse que se tornou mais reticente no que toca à sua vida privada desde que os *media* começaram a escrever sobre si. Arranjámos os contactos de alguns amigos, também. A Sanchez ficou de falar com eles.

— Então e o incêndio?

— Ah, isso. O incêndio. — O Manfred folheia o seu molho de folhas. — O Jesper estava a construir uma garagem na propriedade, mas há três semanas ela pegou fogo, juntamente com dois carros. Objetos de coleção, aparentemente. Deixa-me ver... um *MG* e um *Porsche*. A companhia de seguros está a investigar a possibilidade de fogo posto. A Sanchez também vai falar com eles.

Olho pela janela. A neve está a cair com mais força, obscurecendo a paisagem. O Manfred percebe a minha expressão.

— Logo pela manhã — diz. — Agora tenho de ir para casa. A Nadja está com uma otite.

— Outra vez?

— Já sabes como é, nesta idade.

Eu anuo, ocorrendo-me que, na verdade, não, não sei. Já passou muito tempo desde que o Albin era pequeno, e nessa altura também quase não o via. Otites, gastroenterites: passou-me tudo ao lado.

— Peter — diz o Manfred —, não nos custava nada voltar a espreitar a outra investigação. O método é demasiado semelhante para simplesmente ignorarmos isso. Eu podia falar com as pessoas envolvidas. Talvez até desencantar o paradeiro daquela bruxa... Como é que ela se chamava? Hanne?

Viro-me devagar para ele, com o cuidado de não revelar o efeito que aquele nome produz em mim. As memórias rompem o dique, espalhando-se por todas as células do meu corpo.

Hanne.

— Não — retruco, talvez um pouco esganiçado, não sei. Perdi o controlo sobre a minha voz. — Não, tenho a certeza de que não vamos precisar de falar com ela.

Emma

Dois meses antes

— Caramba, que grande pedregulho.

Os dedos esguios da Olga arrebataam-me o anel e seguram-no de encontro à luz, como se quisesse confirmar se é mesmo verdadeiro.

— Muito bonito — diz ela, antes de mo devolver. — Quanto é que custou?

— Foi um presente, não podia perguntar uma coisa dessas.

— Porquê?

— Não me parece muito educado.

Faz-se silêncio durante uns instantes.

— Então, conta-nos lá — pergunta a Mahnoor —, quem é o príncipe?

— Não posso...

— Oh, vá lá — ri a Mahnoor. — Já tens o anel de noivado, não pode ser um segredo assim tão grande.

Pende-lhe uma espessa trança preta do ombro. À volta dos olhos tem um contorno escuro de *eyeliner*.

— É complicado — começo a explicar.

— A minha tia casou-se com um primo. Não contaram a ninguém durante dez anos — recorda a Olga, com um ar divertido.

— Agora têm dois filhos. Isso, sim, é complicado. À brava.

— Não é nada disso, juro. Não há nenhum tipo de incesto. É só... complicado.

— Como no *Facebook*? «Ah, é complicado...»

A Olga faz um sorriso matreiro.

— Eh, pá, se calhar é mesmo isso.

Abate-se o silêncio na pequena *kitchenette* e o motor do frigorífico liga-se com um zumbido. Sou perfeitamente capaz de compreender a curiosidade das minhas colegas. Eu teria reagido da mesma maneira. Mas isto é diferente. É uma situação excepcional. Seria irresponsável e um erro da minha parte contar a quem quer que fosse, especialmente à Olga e à Mahnoor. Podia trazer problemas ao Jesper, e, no limite, a mim mesma.

Além disso, fiz uma promessa.

A Olga varre as migalhas da mesa com a mão num pequeno monte e desenha padrões com as unhas postiças, brancas.

— Não percebo esses segredos todos — queixa-se ela. — Uma coisa era se ele fosse casado, que obviamente não é, já que estão noivos!

A Mahnoor levanta a mão.

— Ela não quer contar. Temos de respeitar isso.

Articulo um «obrigada» silencioso à Mahnoor, que me retribui o sorriso e afasta a trança para as costas.

A Olga aperta os lábios finos e revira os olhos.

— Como queiram.

Outra vez o silêncio. A Mahnoor pigarreia.

— Como foi o funeral da tua mãe, Emma? Correu bem?

Ah, a Mahnoor. Sempre tão simpática e educada. Uma voz doce e um tom pausado, ponderado. As palavras saem-lhe como pequenas carícias cheias de meiguice. Volto a pôr o anel no dedo e respiro fundo.

— Correu bem. Não apareceu muita gente, só as pessoas mais próximas.

Na verdade, só estavam cinco pessoas na pequena capela. Umas grinaldas solitárias pousadas no caixão de madeira muito

simples. O organista tocou alguns hinos, embora eu soubesse que a minha mãe odiava tudo o que tivesse que ver com hinos e orações. Acontece que, na morte, tal como na vida, temos de nos vergar à tradição. Pelo menos, é o que eu acho.

— Como é que te sentes agora? Estás bem? — A Mahnoor faz um ar preocupado.

— Estou bem, sim.

A verdade é que não sei exatamente o que estou a sentir. Seja lá o que for, é difícil de explicar. Toda a situação é surreal. Ainda não consegui assimilar que a minha mãe morreu, que o corpo grande e gordo que estava entalado naquele caixão era mesmo dela. Que alguém a vestiu, lhe penteou o cabelo oxigenado e a deitou ali. Que a tampa foi fechada e pregada, ou lá o que fazem no fim com ela.

O que é que devia estar a sentir?

Desespero, tristeza? Alívio? A minha relação com ela era complicada, para dizer o mínimo, e nos últimos anos, desde que ela começou a beber «a tempo inteiro», para usar a expressão de uma das minhas tias, deixámos de nos ver com frequência.

E agora há isto com o Jesper. No meio desta desgraça toda, ele dá-me um anel e diz que quer uma vida comigo. Olho para o diamante a cintilar no meu dedo e penso que, aconteça o que acontecer, já ninguém me pode tirar isto. Eu valho a pena. Eu conquistei isto.

A porta abre-se com um estrondo.

— Quantas vezes é que já disse que não me podem deixar sozinho na loja? Estão para aqui a fumar enquanto eu...

— Ninguém está a fumar — interrompe a Olga abruptamente, passando a mão pelos longos cabelos sedosos.

O comentário dela surpreende-me. Discutir com o Björne não costuma resultar lá muito bem. Ele empertiga-se, estica o corpo alto e esguio e enfia as mãos no fundo dos bolsos das calças de ganga, falsamente coçadas e um pouco descaídas na cintura. Transfere o peso de um pé para o outro nas suas botas

de *cowboy*, olha especado para a Olga e levanta o queixo, o que lhe torna o maxilar ainda mais pronunciado do que já é. Parece mesmo um peixe, ocorre-me. Um peixe maléfico que se esconde na água lamacenta à espera da presa. O cabelo escuro e emaranhado pende-lhe junto ao pescoço ao lançar a cabeça para trás, despeitado.

— Por acaso pedi a tua opinião, Olga?

— Não, mas...

— Então, pronto. Sugiro que cales a boca e me venhas ajudar a etiquetar as calças de ganga, em vez de ficares para aqui a admirar a tua nova manicure russa.

Dá meia-volta e bate com a porta.

— Pénis — diz a Olga, que depois de dez anos na Suécia ainda tem alguma dificuldade com o vocabulário.

— Suponho que seja melhor irmos lá para fora — comenta a Mahnoor.

Levanta-se, puxa os cantos da blusa como que para a alisar e abre a porta.

Vou comprar comida a caminho de casa. O Jesper gosta de carne e hoje à noite vamos festejar, pelo que peço um *filet mignon* de vaca: o mais caro de todos, biológico, embora não tenha dinheiro para isso. Compro também alface, tomates-cereja e queijo de cabra para gratinar com umas tostinhas. Demoro uma eternidade à frente das prateleiras da garrafeira. Passo os dedos pelas garrafas que me contemplam do escaparate. Não sou nenhuma especialista em vinho, mas costumamos beber tinto. O Jesper gosta dos vinhos da África do Sul, e acabo por me decidir por uma garrafa de *Pinotage* que custa 100 coroas.

Já está escuro quando desço a Valhallavägen em direção a casa. Sopra um vento frio do norte e as gotas de chuva chicoteiam-me a cara. Assesto os olhos no passeio molhado e estugo a passada até chegar à minha porta.

O prédio foi construído em 1925 e fica mesmo ao lado do centro comercial de Fältöversten, numa zona muito requisitada de Estocolmo. Uma das minhas tias viveu aqui até morrer, há três anos. Por uma qualquer razão insondável, fui eu quem herdou o apartamento, o que causou alguma controvérsia na família. Porque é que eu, a Emma, que nem sequer era assim tão próxima da tia Agneta, havia de ficar com o apartamento dela no centro da cidade? O que teria feito eu para a enganar e levá-la a favorecer-me no testamento?

Não terá sido uma decisão completamente irracional. A tia Agneta não tinha filhos e eu costumava ir visitá-la. Todas as minhas tias se juntavam de vez em quando, decididas a manter vivo o seu matriarcado disfuncional, e às vezes eu fazia-lhes companhia.

Destranco a porta e giro a maçaneta de bronze. Sou atingida pelo aroma familiar de torradas e detergente. E algo mais, um cheiro a mofo que não consigo identificar. Algo orgânico e conhecido. Pouso os sacos com cuidado no chão, acendo a luz do *hall* e descalço os sapatos molhados. Penduro o casaco num cabide, pego numa toalha e enxugo os pingos da chuva.

Há dois envelopes no chão. Contas para pagar. Agarro nelas e levo-as para a cozinha, acrescentando-as ao monte. É assustadoramente grosso, o que me lembra que devia falar com o Jesper acerca disso. Se calhar hoje não, mas um dia destes. Não posso simplesmente continuar a acumular as contas. Um dia terão de ser pagas.

Chamo o *Sigge* e tiro uma lata de comida do armário. Assim que ele ouve as dobradiças a chiar, aparece a correr, esfregando-se de encontro às minhas canelas. Debruço-me para a frente, afago-lhe o pelo preto, converso um bocadinho com ele e saio para a sala de estar.

A casa está frugalmente mobilada. Fiquei com os cadeirões *Carl Malmsten* da minha tia. A mesa e as cadeiras, comprei-as online, e a cama é da IKEA. Também tenho uma secretária, que

encontrei no Exército de Salvação. Está atafalhada de livros e de cadernos de apontamentos vermelhos. Além do emprego na loja, estou a tirar o Bacharelado Internacional. Larguei a escola cedo. Aconteceram algumas coisas que não me deixaram ou não me fizeram querer continuar, embora sempre tivesse tido jeito para os estudos. Principalmente, a Matemática. Há algo de libertador no mundo dos números. Não tem zonas cinzentas, nenhuma subjetividade, a mais pequena margem para interpretações: ou fizemos os cálculos certos ou estamos errados.

Quem me dera que o resto da vida fosse assim tão simples.

Penso no Woody, por um instante fugaz. O cabelo preto, comprido, apanhado num rabo de cavalo no fundo da nuca. O tique de pousar a mão na bochecha enquanto ouvia: parecia escutar-nos sempre com uma intensidade assombrosa. Como se cada um de nós tivesse algo de verdadeiramente importante a dizer. E talvez tivéssemos. Estremeço.

Um dia, hei de deixar de pensar no Woody, digo para mim mesma. Um dia, a memória dele vai desvanecer-se como uma velha polaroide, e eu poderei continuar a viver como se ele nunca tivesse existido.

Há um único objeto que vale alguma coisa em minha casa: um quadro de Ragnar Sandberg pendurado no quarto. É uma composição *naïf* com jogadores de futebol vestidos de amarelo e de azul. Gosto imenso dele. A mãe estava sempre a dizer-me que o devia vender, para podermos dividir o dinheiro e ela beber a sua parte, mas recusei terminantemente. Gosto de o ter aqui, na parede onde está pendurado desde sempre.

A tia Agneta também me deixou algum dinheiro. Cem mil coroas, para ser mais exata. Uma data de maços cuidadosamente enrolados com notas de 100 coroas que encontrei por acaso no armário das toalhas. Nunca contei à minha mãe. Sei muito bem o que ela teria feito se lhe deitasse a mão.

Vou à janela e espreito para a rua.

«EXCECIONAL.»

Publishers Weekly

Os inspetores Peter Lindgren e Manfred Olsson enfrentam um crime chocante: uma jovem mulher foi decapitada numa casa de classe alta nos subúrbios de Estocolmo. Um crime que se torna mais perturbador pela semelhança com um assassinio por resolver, dez anos antes. Só que, desta vez, a polícia tem um suspeito.

Jesper Orre é o carismático e controverso diretor executivo de uma famosa cadeia de lojas, e o dono da casa onde a mulher foi assassinada. Nada no seu perfil, contudo, nem mesmo a fama de *playboy*, sugere que possa ter cometido um crime semelhante. Além de que ninguém sabe onde ele está.

Na busca por um motivo e pelo paradeiro do seu suspeito, os inspetores recorrem a Hanne Lagerlind-Schön, uma brilhante psicóloga comportamental presa a uma reforma e a um casamento infelizes. Mas eles não são os únicos que o procuram.

Dois meses antes, Emma Bohman, uma funcionária de Jesper, envolveu-se numa relação secreta com o seu diretor. E tão depressa nasceu o caso amoroso entre ambos, como terminou, quando ele a deixou, sem qualquer explicação. E Emma, devastada e confusa, não descansará até o encontrar e obter respostas às suas perguntas.

Numa busca paralela pelo mesmo homem, Emma e a polícia estão destinados a cruzar caminhos até descobrirem o que realmente aconteceu.

«Se gosta de policiais brutais e macabros, este não irá dececioná-lo...

Tenso, inquietante, ameaçador e de leitura compulsiva,

é perfeito para fãs de Jo Nesbø.»

Heat



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Policial

penguinlivros.pt

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896233464



9 789896 233464 >